

Entusiasta de Brasília

Thaís Cieginski
Da equipe do **Correio**

O novo secretário de Cultura do Distrito Federal, Pedro Henrique Lopes Bório, 47 anos, quer colocar em prática o conhecimento diplomático em sua empreitada no governo. Nascido em Curitiba (Paraná), ele assume a pasta com ânimo para dialogar com a classe artística e buscar parceiros na iniciativa privada. Sem filiação partidária, o paranaense sempre manteve uma relação estreita com a cultura. Nos Estados Unidos, onde morou 12 anos e trabalhou ao lado do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, ajudou a produzir o musical *Tributo a Tom Jobim*, a ópera *O Guarani* e diversas exposições de artistas plásticos brasileiros.

A falta de uma relação atuante no meio artístico local não intimida Bório, que se diz aberto ao diálogo. "Cada um poderá fazer a sua avaliação. Eu me considero uma pessoa muito ligada e ativa na área cultural", comentou, tranquilo, em entrevista ao **Correio**. Surpreso e orgulhoso do convite feito pelo governador Joaquim Roriz, o secretário pretende aprofundar a integração entre as secretarias, em especial a do Turismo, que será comandada pela embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, para desenvolver os diversos setores da cultura no Distrito Federal.

Além de cargos no Itamaraty, o diplomata já ocupou vaga na Secretaria de Comunicação da Presidência da República e, atualmente, chefiava a Representação do Estado do Paraná em Brasília há um ano e meio, antes morou na capital federal no ano de 1976. "Sou um entusiasmado por Brasília, em especial pela arte e cultura. Adotei como minha cidade. Acredito que tenho agora uma chance de fazer algo nesse momento particularmente interessante."

CULTURA BRASILIENSE

"Brasília tem uma vitalidade incrível, uma energia muito fértil. Na música, por exemplo, já surgiram figuras como Renato Russo, Cássia Eller. Temos também Athos Bulcão, um grande artista que transcende Brasília. A turma do rock já transbordou a cidade. Os artistas plásticos mais jovens, como Galeno, estão levantando vôos internacionais."

PRODUÇÃO CULTURAL

"Preciso primeiro ouvir muito as pessoas, estudar o organogra-

ma, a proposta orçamentária. A idéia inicial é fazer um mapa, localizando as galerias, os teatros, os locais para a música religiosa, coral, auditório. Depois, juntos vamos elaborar um calendário. É preciso ver quem está fazendo o quê; como se está fazendo bem e quais são as competências, os recursos disponíveis, os espaços. Hoje, em todas as áreas de atuação social estão surgindo um número enorme de parcerias, que, por se tratar da capital, podem ser feitas em escala nacional. O Centro Cultural Banco do Brasil é um símbolo dessa mudança, assim como a Caixa Econômica. Você tem hoje Brasília no circuito internacional de qualidade. Mas não pode ter somente a vontade de fazer. O seguro de uma exposição como essa do Albert Eckhout, por exemplo, acaba inviabilizando muitos projetos."

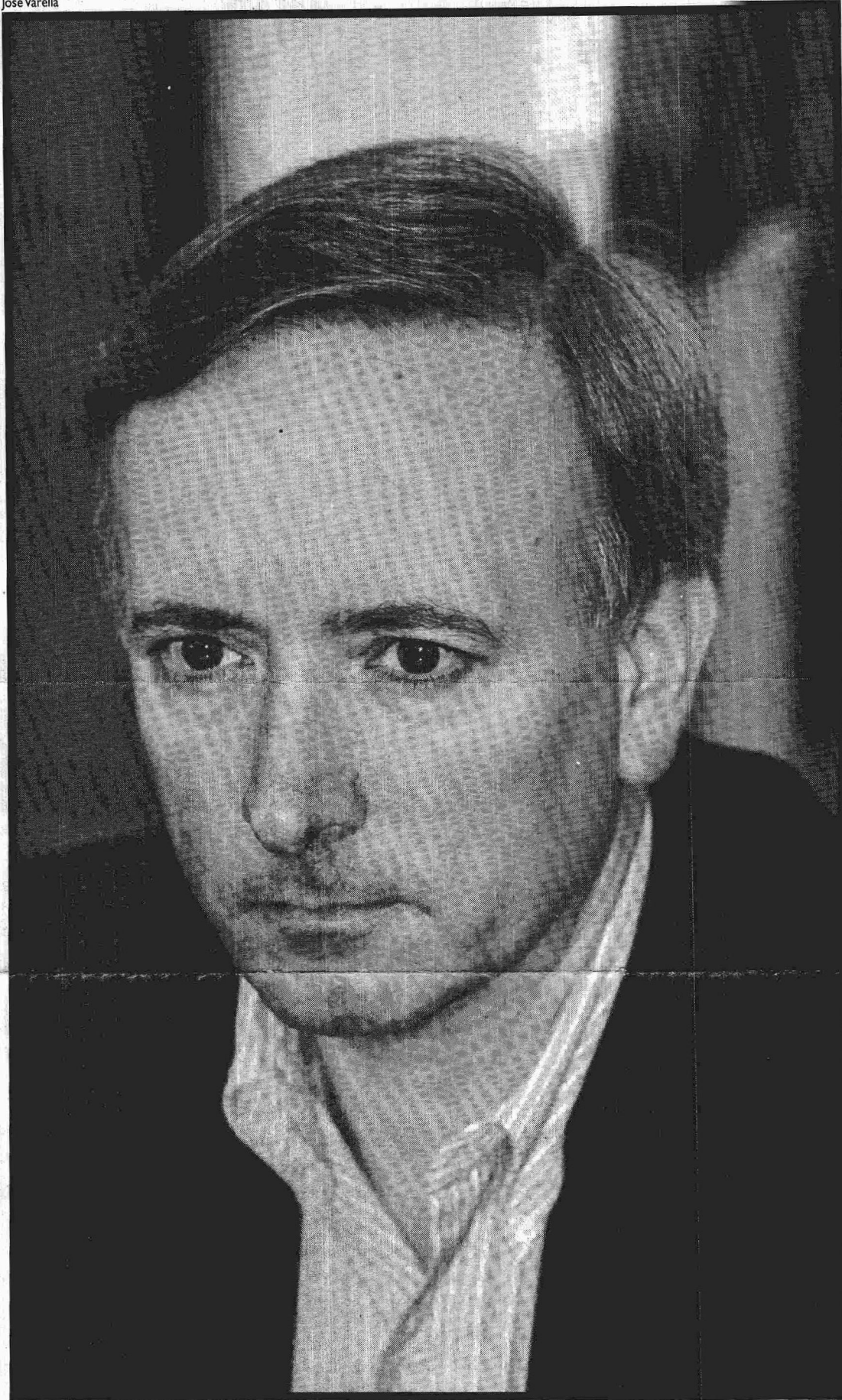
MINISTÉRIO DA CULTURA

"Além de fã de Gilberto Gil, sempre tive a impressão de que ele é uma pessoa muito inteligente. A experiência com a Lei Rouanet tem agora um acervo que pode ser melhor avaliado, analisando os pontos positivos e negativos. Acredito que a capital do país tem uma força que vai muito além da questão partidária e política."

NOVOS PROJETOS

"Todo mundo sabe que além do governador ter resolvido encampar essa idéia do Complexo Cultural (de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, que prevê a criação, na Esplanada dos Ministérios, de museu, biblioteca, casa de espetáculos e galeria), ele é o complemento da obra de Niemeyer. Será uma grande conquista essa realização. Vamos estudar os detalhes. A ex-secretária Luiza Dornas me disse que as coisas estavam bem encaminhadas e que uma boa parcela de recursos estaria liberada. Se depender de mim, a obra é para já. Isso não é só uma vontade de ver obras grandiosas. Muitas grandes cidades perceberam o impacto brutal que a cultura tem, tanto pelo que ela faz em si, como pelo que ela gera de emprego e turismo. Washington, que é muito parecida com Brasília, antes da construção do Kennedy Center, era uma cidade mais provinciana em termos de cultura. Para se ter uma dimensão do impacto que isso pode causar, depois do Kennedy Center, eles saíram de

José Varela



O NOVO SECRETÁRIO DA CULTURA, PEDRO HENRIQUE LOPES BÓRIO, QUER ESTABELECEER DIÁLOGO COM A CLASSE ARTÍSTICA

200 mil visitantes por ano para seis milhões."

FAC (FUNDO DE ARTE E CULTURA)

"Não conheço a lei daqui. Tenho que estudar com muito cuidado, mas tive duas experiências importantes nessa área. Fui encarregado, na Secretaria de Comunicação da Presidência, da supervisão da Radiobrás e da TVE.

A TVE passava por uma fase crítica, da qual ela não saiu totalmente ainda. A experiência da TVE foi muito complicada, mas a da Orquestra Sinfônica em São Paulo foi mais bem-sucedida. Eu acho que a idéia da organização social — que vem do modelo europeu — pode dar certo se houver uma dotação, uma espécie de fundo permanente. Teremos de descobrir pessoas que consigam navegar de maneira competente na área jurídica para achar o melhor modelo para Brasília."

INTEGRAÇÃO DAS SECRETARIAS

"A embaixatriz Lúcia Flecha de Lima (que assume hoje a Secretaria de Turismo) pretende dobrar o número de turistas na cidade em um ano (cerca de 800 mil por ano). Mas a Secretaria de Turismo precisa de cultura, de eventos e de articulação. Se a pessoa está em Goiânia ou Cuiabá querendo sair de lá para passear, fazer compras, passar uns dias divertidos, o

ESTRANHO NO NINHO

Parte da classe artística da cidade não conhece Paulo Bório, novo secretário de Cultura do GDF. "Nunca ouvi falar dele. Não tenho nem como comentar a indicação, porque não sei qual é a relação do senhor Pedro com a cultura de Brasília", disse o diretor de teatro e artista plástico Fernando Guimarães. O cineasta Vladimir Carvalho também estranhou a indicação. "Não sei quem é. Fiquei apreensivo com a notícia, porque temos vários nomes competentes para a função, inclusive militantes na área artística, e me vem com um ilustre desconhecido! Ainda não tenho munição para falar sobre ele, mas a indicação me parece mal ajambrada. Isso é reflexo do flagrante descaso que se tem com a área cultural", protestou. (Rodrigo Hilário)

que vai atraí-la para cá é um conjunto de coisas. Acho que a cultura pode ter um papel muito grande nisso. Tem uma questão complicada e interessante em Brasília que é a necessidade de articulação com o Governo Federal, em seus diferentes níveis — legislativo, executivo e judiciário. São entidades diferentes, mas que podem dialogar."

CONTINUIDADE

"Não se trata de um novo governo. O que existe de bem feito, vamos tentar aumentar o impacto, abrir para mais gente. O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, por exemplo, sempre foi um sucesso. Se trazemos um diretor de cinema para mostrar o seu filme na segunda-feira, podemos fazer com que na terça ele leve o filme para Taguatinga. Podemos criar iniciativas menos grandiosas, mais articuladas e ágeis, como o Comboio Cultural, de Curitiba, que são ônibus com um palco móvel que leva teatro e cinema para diversos locais. Tenho que estudar outras iniciativas, com o Pólo de Cinema. Precisamos saber o que está sendo feito. Minha abertura com a classe artística será a máxima possível. Minha sensação é que os artistas estão muito dinâmicos, além de mais profissionais."